

Hilgard O'Reilly Sternberg, um Pioneiro nas Pesquisas das Questões Ambientais no Brasilⁱ

Hilgard O'Reilly Sternberg, a Pioneer in Research on Environmental Issues in Brazil

Gerd Kohlheppⁱⁱ

Universidade de Tübingen
Tübingen, Alemanha

Resumo: No final dos anos 1930 surgiu no Brasil a primeira geração de geógrafos formados no país; no entanto, caso quisessem cursar uma pós-graduação tinham que ir para a Europa ou os Estados Unidos, uma situação que perdurou até a década de 1960. Entre esses pioneiros encontrava-se *Hilgard O'Reilly Sternberg*, que assumiu a Cátedra de Geografia do Brasil na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro e, mais tarde, o cargo de Vice-Presidente da UGI, impulsionando a interligação internacional da geografia brasileira. Paralelamente a seus outros focos de pesquisa, O'Reilly Sternberg foi um dos representantes mais excepcionais da pesquisa sobre as condições naturais e humanas das regiões das florestas tropicais da Amazônia. Ele reconheceu que somente através do método holístico seria possível a pesquisa sobre os conflitos homem-meio ambiente existentes do Brasil. A partir de 1964, em Berkeley, Califórnia, O'Reilly Sternberg criou as bases para uma pesquisa fundamental, a avaliação das possibilidades de um desenvolvimento regional sustentável no Brasil, com a inclusão do *know-how* da população da região de modo a garantir a identidade regional diante da influência do planejamento regional estatal mal orientado e da globalização. Com alta perícia especializada, ética científica e consciência crítica, ele contribuiu para o reconhecimento e renome internacional da pesquisa geográfica brasileira.

Palavras-chave: Hilgard O'Reilly Sternberg; Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil da UFRJ; Universidade de Califórnia em Berkeley, EUA; Geografia do Brasil, Amazônia.

Abstract: In the end of the 1930s the first generation of geographers graduated in Brazil, although until the 1960s they had to go to the USA or Europe for post-graduate courses. One of the pioneers in geographical research Hilgard O'Reilly Sternberg held the chair of

ⁱ Com a autorização do editor a presente contribuição foi extraída e modificada pelo autor de partes da seguinte publicação: Gerd Kohlhepp. Pioneiros brasileiros nas pesquisas geográficas de desenvolvimento regional: Orlando Valverde e Hilgard O'Reilly Sternberg. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* (Blumenau), 3 (1), 2015, p. 27-54.

ⁱⁱ Professor Emeritus; Ex-cátedra de Geografia Econômica e Social. Centro de Pesquisas sobre a América Latina – Instituto de Geografia. gerd.kohlhepp@t-online.de.

Geography of Brazil at the University of Brazil in Rio de Janeiro and later as Vice-President of the IGU, he linked Brazilian Geography to international research networks. O'Reilly Sternberg was – besides his other research priorities – one of the most eminent Brazilian representatives in analyzing the natural and human conditions of tropical rainforest regions of Amazonia. He favored a holistic approach as the preferred method for exploring man-environmental conflict in Brazil. From 1964 onwards he became a professor at the University of California in Berkeley and conducted basic research on the possibilities of sustainable regional development in Brazil, integrating the traditional know-how of the region's inhabitants and securing their identity against influences of misdirected state-controlled regional planning and globalization. With expert knowledge, scientific ethics and critical awareness, Sternberg contributed to the international acknowledgement and reputation of Brazilian geographical research.

Keywords: Hilgard O'Reilly Sternberg; Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil da UFRJ; University of California, Berkeley, USA; Geography of Brazil, Amazonia.

Hilgard O'Reilly Sternberg (1917-2011)

Depois que geógrafos estrangeiros¹ no Brasil deram um impulso decisivo para que a geografia fosse reconhecida como ciência, no final da década de 1930, a primeira geração de geógrafos formados no Brasil se dedicou à exploração geográfica da sua pátria com grande engajamento e, por vezes, em condições logísticas precárias. Jovens geógrafos brasileiros estavam em busca do reconhecimento científico para uma disciplina especializada, ainda em estágio inicial de desenvolvimento. A instituição do Conselho Nacional de Geografia (CNG) – com a edição das revistas científicas *Revista Brasileira de Geografia* (desde 1939) e *Boletim Geográfico* (desde 1943) – fortaleceu a geografia científica no Rio de Janeiro, enquanto a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – até a sua expansão a nível nacional em 1946 – tinha sua competência restrita a São Paulo. Na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, o curso de graduação em geografia empenhou-se em conseguir do governo federal a implementação da cátedra em Geografia do Brasil.

Em 1940, Getúlio Vargas lançou a “Marcha para o Oeste” como estratégia política para a exploração do interior do país, o fomento da integração nacional, a diminuição do “vazio” territorial e a redução das desigualdades regionais do país.² Nesta fase do Estado Novo, dominada pelo nacionalismo e pelo populismo, o objetivo foi reunir e analisar conhecimentos territoriais, estruturas regionais e tendências de desenvolvimento, e satisfazer também o objetivo de submeter as oligarquias regionais ao poder central.³ Nesses anos, o Brasil viveu uma fase intensa de levantamento cartográfico do território nacional e de pesquisa das suas identidades regionais.

Muito cedo, Delgado de Carvalho (1910, 1913)⁴ criticou o ensino tradicional da geografia no Brasil e a falta de metodologia. Com a participação de geógrafos brasileiros no Congresso Internacional de Geografia em Paris em 1931 e com a adesão do Brasil à União Geográfica Internacional (UGI), deu-se o primeiro contato internacional e a inclusão de métodos da geografia científica moderna daquela época no país.⁵ Hilgard

O'Reilly Sternberg estava entre os jovens geógrafos brasileiros que aspiravam a novas oportunidades.

Hilgard O'Reilly Sternberg (Rio de Janeiro, *05.07.1917) era filho de imigrantes: a mãe tinha raízes irlandesas e o pai era de origem alemã, da região do Báltico; em 1940 concluiu o bacharelado em Geografia e História no Rio de Janeiro, e obteve o licenciamento pela Universidade do Brasil. Na sua função docente, Hilgard foi um dos professores fundadores da Universidade Católica (PUC) no Rio de Janeiro (1941-1944), Professor Assistente na Universidade do Brasil (1942-44), e em 1943 *Teaching Assistant* na Universidade de Califórnia em Berkeley. Lá ele pôde familiarizar-se com a temática da geografia da paisagem (*Landschaftskunde*), a pesquisa homem-meio ambiente e a importância do trabalho de campo com o geógrafo norte-americano de alta reputação, Carl O. Sauer⁶, introdutor da geografia cultural nos EUA e apreciador da metodologia da geografia alemã. Em 1944, Hilgard foi chamado para assumir interinamente a Cátedra de Geografia do Brasil no Departamento de Geografia na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro) no Rio de Janeiro. Nessa instituição conseguiu estabelecer uma posição de liderança no meio universitário na qual o ensino e a pesquisa científica ocupavam papel central.

Enquanto a Geografia nas Universidades tinha constantes dificuldades em conseguir meios financeiros para a realização de excursões regionais e suprarregionais e para a publicação rápida dos resultados das pesquisas (STERNBERG, 1951b), os geógrafos do Conselho Nacional de Geografia (CNG) eram privilegiados, pois o financiamento e a logística das excursões eram garantidos, dispondo ainda de veículos próprios para as excursões.⁷ Disponham também de veículos de publicação⁸ que possibilitavam a rápida divulgação dos resultados científicos.

A fundação do Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil (CPGB) na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro em 1951 fortaleceu a posição da capital do país no cenário da geografia brasileira. Apesar de inúmeros obstáculos internos na universidade e dificuldades financeiras, Hilgard conseguiu elaborar, com muita habilidade, um interessante plano de ensino, atrativo para os estudantes que costumavam elogiar sua capacidade didática. Para os seus Cursos de Altos Estudos ele convidou muitos colegas estrangeiros, cuja produção acadêmica foi, em parte, publicada por ele. Hilgard foi fundador e diretor (1951-1964) do Centro de Pesquisas e Ensino da Geografia do Brasil que, juntamente com o Departamento de Geografia da USP, assumiu posição de liderança na geografia brasileira da época.

Paralelamente à nomeação como Secretário Executivo do Comitê Nacional do Brasil na UGI (1953-64) foi membro de diversas comissões (entre outros, do Conselho Nacional de Educação e representante do Ministério da Educação no *Conselho Executivo* do CNG). Na União Geográfica Internacional (UGI), Hilgard obteve alto reconhecimento como Vice-Presidente (1952-56) e como *First Vice-President* da UGI (1956-60), sobretudo pela realização do muito bem-sucedido 18º Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro (1956), quando foi Secretário Executivo do Comitê de Organização.

O Congresso foi um ponto alto da geografia brasileira e uma integração exitosa a comunidade geográfica internacional. Foi o primeiro Congresso Internacional de Geografia fora da Europa e dos Estados Unidos realizado em um país em desenvolvimento.

O programa científico, os inúmeros participantes internacionais,⁹ o programa geral e a repercussão na imprensa levaram, pela primeira vez, a um abrangente reconhecimento da geografia no Brasil como ciência, bem como dos seus representantes líderes. Quando hoje se vê a lista de excursões realizadas no âmbito do Congresso da UGI, não é possível mais avaliar as dificuldades logísticas e financeiras que outrora tinham que ser superadas. Nos comentários de participantes,¹⁰ percebeu-se, muito mais tarde, a admiração dos convidados estrangeiros pela dedicação dos colegas brasileiros e o talento organizacional de Hilgard¹¹ que na época tinha 39 anos de idade.

Depois de seus primeiros trabalhos sobre a didática da geografia, sobre planejamento, organização e realização de trabalhos de campo e sobre a sistematização de observações no campo (1946), Hilgard se ocupou com os problemas das inundações e movimentos coletivos do solo no Vale do Paraíba como exemplo da exploração destrutiva das terras (1949), um trabalho que durante décadas ainda era citado por sua clara análise dos problemas ambientais. Com base em seus conhecimentos linguísticos – ele frequentou a escola alemã no Rio de Janeiro – lhe foi possível interagir intensamente com a pesquisa geográfica alemã, cujas publicações tradicionais ele já havia estudado junto a Carl Sauer em Berkeley, como também os novos estudos publicados nas revistas especializadas alemãs as tornando conhecidas no Brasil.¹²

Na primeira metade da década de 1950. Os temas fisiogeográficos foram o principal objeto dos seus trabalhos, que trataram dos vales tectônicos na Amazônia (1959), a conservação do solo, aspectos geomorfológicos do Planalto do Nordeste, e questões relacionadas a catástrofe das secas no Ceará¹³ (1951a), como os limites do uso irracional do solo e dos recursos hídricos e as limitações da política de construir açudes como forma de debelar as secas. Dedicou-se também a problemas da sismologia e da geomorfologia na Amazônia (1953, 1960). Em 1955 ele escreveu um artigo muito instrutivo sobre a agricultura e a indústria no Brasil.

Sua tese de doutorado, focalizada na geomorfologia da planície de inundação do Rio Mississippi, foi apresentada a Richard J. Russell na Universidade de Louisiana (1956a). Entre 1947 e 1956 ele também lecionou geografia para candidatos à carreira diplomática no Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores. No passado, o Brasil foi certamente um dos poucos países que exigia de seus diplomatas a participação nesses cursos especiais. Com base em suas pesquisas no Nordeste, ele foi nomeado *Chairman do Advisory Committee for Arid Zone Research* da UNESCO em 1956.

Sua monografia “A água e o homem na Várzea do Careiro” (1956b) mostra-o como excelente conhecedor da paisagem natural e cultural da Amazônia, região que ele visitou com muita frequência a partir da metade da década de 1940. A tese¹⁴ do concurso à Cátedra de Geografia do Brasil na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro foi publicada com pequena tiragem, mas foi publicada uma segunda edição, elaborada com muito esmero pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (Coleção Friedrich Katzer) em Belém em 1998, contendo impressionante volume de mapas (volume 2). No prefácio da nova edição, ele defende a “função integradora” da geografia: “O que a (geografia) torna indispensável é ... o pensamento holístico, quando enfoca a interface entre as sociedades humanas e o meio ambiente” (1998, p. XXIX). Como o antigo Diretor do Instituto Max Planck de Limnologia em Plön (Alemanha), Harald Sioli, um dos ecólogos dos trópicos de maior

renome, enfatiza com toda a razão¹⁵, ninguém antes pesquisou uma microrregião da Amazônia tão detalhadamente e em sua totalidade antropogênica.

Entre os problemas examinados na obra estão a mudança da paisagem natural por *terras caídas* à beira das águas brancas na região da Várzea do Careiro, na cercania de Manaus, a criação de gado bovino, dependente das fortes inundações e, em casos extremos, da necessidade de deslocamento do gado criado nas várzeas para *marombas* ou para a *terra firme*, assim como o desenvolvimento da indústria de laticínios para o fornecimento da metrópole Manaus.¹⁶ Com a mesma profundidade são analisados o homem da Várzea, a procedência dos emigrantes cearenses e seu significado para a região. Em um posfácio da segunda edição chama a atenção para a “sucção demográfica”, efeito da criação da Zona Franca de Manaus, que provocou o retraimento da mão de obra rural e levou à concentração de propriedades nas mãos de fazendeiros.

No âmbito de suas pesquisas, Hilgard executou os primeiros testes e estimativas para a vazão do Paraná Careiro. Em 1963 e em colaboração da Universidade do Brasil/CPGB com o U.S. Geological Survey (atual NOAA) e a Marinha de Guerra do Brasil foi realizada a primeira medição direta da vazão, da carga dissolvida e da concentração dos sedimentos no Rio Amazonas, cujos dados foram publicados em 1964(b). Publicações sobre o uso sustentável de recursos (1956c), sobre este enorme país tropical – o Brasil (1964a, 1965), e sobre “*race and class*” na América Latina (1970) alcançaram o público científico internacional.

Com a ajuda da Fundação Rockefeller e pela intensa permuta internacional de publicações, Hilgard criou uma excelente biblioteca especializada em geografia e ciências afins no seu CPGB. Com a compra de uma camionete que possibilitava excursões e trabalhos de campo, melhorou as condições para o fortalecimento das pesquisas universitárias, junto com o grupo de colaboradores, altamente qualificados, que Hilgard conseguiu reunir a sua volta, e que mais tarde assumiram importantes posições na geografia brasileira. Cientistas estrangeiros sempre eram convidados e encontravam boas condições de trabalho e um agradável ambiente social no seu Instituto.

Os anos de 1962/63 ficaram marcados no Brasil pelas confrontações políticas internas refletindo-se nas universidades. Protestos estudantis e contraprotestos, greves, ocupação de prédios e ações policiais dificultaram o ensino acadêmico e a pesquisa. Este fato foi registrado principalmente nas metrópoles. As confrontações políticas existiam também no meio do corpo docente onde se falava das chamadas “listas negras”. Para Hilgard, que pertencia ao grupo dos católicos conservadores, a situação agravou-se em meados de 1963, segundo afirmações próprias.

O convite para assumir a posição de professor de geografia da América Latina na renomada Universidade da Califórnia em Berkeley em 1964, chegou no momento certo para ele – há décadas esta universidade já desempenhava importante papel na pesquisa sobre a América Latina nos Estados Unidos.¹⁷ Em 1964 ele abdicou da sua função de Secretário Executivo do Comitê Nacional do Brasil na UGI, que ocupava desde 1953. Sua emigração para os EUA surpreendeu muitos colegas, apesar de todos saberem dos problemas políticos universitários no Rio de Janeiro.

Para o Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil, que existiu até 1970, transferido posteriormente de local privilegiado na Av. Pres. Antônio Carlos / Av. Beira Mar no Cen-

tro para o campus da Ilha do Fundão na distante Baía da Guanabara, a saída de Hilgard causou grandes dificuldades para a área de ensino e pesquisa. Sua experiência e suas iniciativas e contatos faziam falta, principalmente os contatos internacionais, e a lacuna deixada somente fechou-se lentamente.¹⁸ Embora o seu retorno tenha sido esperado no Rio de Janeiro, ele não mais quis retornar para a sua cidade natal depois do golpe militar em 1964.

Foi professor visitante na Alemanha (em Heidelberg 1961) e na Suécia (em Estocolmo 1961), nos Estados Unidos (em Indiana e em Gainesville na Flórida, na UCLA, na Universidade de Columbia) e no Canadá (McGill), mas permaneceu em Berkeley de 1964 até 1988, quando se tornou professor emérito. Hilgard manteve sempre sua nacionalidade brasileira.

Em Berkeley ele iniciou intensas atividades de ensino e pesquisa dirigindo uma série de dissertações e teses de doutorado.¹⁹ No ensino ele tratou de largo espectro de temas da Geografia física e humana, e da geografia regional, especialmente sobre os trópicos, a América Latina, o Brasil e a Amazônia. Quase que anualmente realizava viagens de pesquisa ao Brasil, quase sempre acompanhado de Carolina, sua esposa e igualmente geógrafa competente. Também ofereceu cursos *off-campus* em Caracas, Ciudad de México, Rio de Janeiro e, em 1984, como professor visitante em Beijing, no âmbito de um programa de intercâmbio com a Universidade da Califórnia, Berkeley. Com frequência ele convidou colegas como palestrantes ou visitantes para Berkeley,²⁰ onde o casal mantinha uma casa hospitaleira. Hilgard atuou no *editorial board* de várias revistas científicas internacionais.²¹

Com base em seu excelente *standing* como geógrafo, seu talento em relação a idiomas e sua rede internacional de contatos como ex-vice-presidente da UGI, Hilgard participou de inúmeros congressos e simpósios internacionais nas Américas do Norte e do Sul, Europa e Ásia. Como palestrante ele viajou pela França, Alemanha, Grã-Bretanha, Escandinávia, Japão e Estados Unidos. Mesmo como professor emérito ele participou incansavelmente de simpósios especializados sobre problemas em países tropicais, questões dos sistemas ecológicos de florestas, de temáticas como a relação homem-meio ambiente, questões de nutrição, uso sustentável de recursos naturais, problemas gerais e regionais no Brasil ou na Amazônia, muitas vezes convidado como *key-note speaker*.²²

Dedicou-se cada vez mais intensamente às questões de mudanças no meio ambiente provocadas por atividades antropogênicas no Nordeste e especialmente na Amazônia (1968, 1975, 1977, 1980, 1987a, 1987d), quando alertou para a vulnerabilidade dos ecossistemas tropicais e para os imperativos éticos e sociais na confrontação entre sustentabilidade e desenvolvimento econômico com impactos destrutivos no meio ambiente. Seu trabalho sobre *"The Amazon River of Brazil"* (1975) mostra que ele pertencia ao grupo de peritos com conhecimentos especializados que podem igualmente tratar da temática sob o ponto de vista hidrológico, físico-geográfico e da geografia humana.

Durante muitos anos ele manteve uma postura interessante frente a problemas históricos relacionados às atividades do rei da Bélgica Leopoldo I no sentido de criar um reino colonial belga no Brasil, culminando no "caso" Descalvados no Pantanal em Mato

Grosso (1983, entre outros). Nessa pesquisa familiarizou-se intensamente com a temática histórico-geográfica, realizando trabalhos de arquivo na Europa e no Brasil.

A amplitude da pesquisa de Hilgard é visível na diversidade temática e em sua postura diante de problemas dos anos 1980 e 1990. Ele analisou as frentes pioneiras na Amazônia e suas consequências para o meio ambiente (1981a), examinou as mudanças no meio ambiente e as culturas indígenas na Amazônia sob o aspecto dos recursos alimentares, um saber acumulado pelos povos indígenas durante milênios em unidades ecológicas da *terra firme* e das *várzeas* (1986). O pensamento “pós-industrial” na colonização da Amazônia baseia-se na exploração dos recursos naturais, na construção de barragens para a produção de energia hidroelétrica, o que provoca a degradação das potencialidades alimentares da natureza.

Sua curiosidade científica e seu profundo conhecimento das ciências naturais levaram Hilgard a discutir a hipótese de refúgios nas florestas amazônicas (1981b), devido aos períodos de seca no Quaternário que teriam favorecido a proliferação do Cerrado, como também a disseminação de avifauna (entre outros). A questão também se relacionava com as prioridades da conservação das florestas tropicais na Amazônia, que foram apresentadas e questionadas em um trabalho sobre a significância paleoclimática da existência de carvão vegetal nas florestas tropicais (1991). Finalmente ele se dedicou também a pesquisar a influência da enorme devastação das florestas sobre o aumento de enchentes (1987b), até então mais observadas nos afluentes do que no rio principal.

Hilgard também se posicionou quanto às considerações de segurança dos militares no Programa Calha Norte, discutindo suas consequências para os povos indígenas regionais (1987c), e, igualmente, sobre a interpretação falha pela imprensa de uma entrevista de Harald Sioli, especialista alemão em ecologia tropical e amigo de Hilgard, sobre a “famosa” discussão do chamado “pulmão verde” da Amazônia.

Num estudo muito interessante, com forte conotação histórico-geográfica, ele mostra as estratégias geopolíticas para a criação de um caminho fluvial contínuo do Caribe até a região do La Plata (1995a). A ligação do sistema fluvial das bacias do Orenoco-Amazonas e La Plata não só estimulou a fantasia de governos, engenheiros e militares em diversos períodos históricos, mas também, como já mencionado, mereceu a atenção do Instituto Hudson e, posteriormente, do Banco de Desenvolvimento Interamericano (BIRD) em 1993. A possibilidade do uso de detonações nucleares para a interligação das bacias hidrográficas – hoje inconcebível – também foi discutida em alguns grêmios especializados. Hilgard alertou para os impactos ecológicos das invasões na fauna e flora tropical, e para as complexas interações do meio ambiente que precisariam ser compatíveis com as necessidades da população local. As discussões dos anos 1990 sobre a construção da Hidrovia Paraguai-Paraná e suas consequências ecológicas para o Pantanal foram recentemente reativadas e permanecem como temas atuais devido a novas prioridades de transporte, custos econômicos e crescente conscientização ecológica.

A crescente consciência ambiental da população brasileira se deve ao desenvolvimento positivo da nova Constituição brasileira de 1988 e a organização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) no Rio de Janeiro em 1992, que discutiu também a proteção das reservas indígenas. De acordo com suas

conclusões, os modelos de desenvolvimento têm que ser avaliados mais rigorosamente com critérios de sustentabilidade ambiental.

Graças ao seu profundo conhecimento regional, suas pesquisas na bibliografia científica e sua rede de contatos científicos, Hilgard Sternberg pôde abordar problemas básicos da Amazônia. Na excelente publicação da United Nations University em Tóquio sobre os aspectos hidrológicos da Amazônia e das várzeas (1995b), ele menciona o uso antropogênico dos ecossistemas aquáticos pela população indígena e os riscos modernos que levam ao agravamento da situação ecológica. Sobre esse aspecto, ele alertou sobretudo para a insegurança das decisões políticas e dos chamados programas de “desenvolvimento”, que provocaram a “*unpredictability of Amazonia’s future*” (1995, p.150).

Quem teve a oportunidade de conhecer Hilgard em aulas ou durante longas excursões apreciava sua habilidade retórica e didática, seu carisma, sua ética profissional, seu jeito informal, sua capacidade de fazer contatos e sua simpatia natural.²³ Ele era uma pessoa cativante e os estudantes adoravam os seus “blocos-diagramas” (LACORTE et al., 2011) com os quais ele explicava detalhes geomorfológicos. Hilgard era um excelente orador que entusiasmava seus ouvintes (KOHLHEPP, 2015). Ele exigia muito dos seus colaboradores como, por exemplo, a intensa concentração durante o trabalho científico e a flexibilidade na organização dos trabalhos. Provocava colaboradores e estudantes nos debates sobre as questões geográficas. Ele defendia clareza na argumentação, era severo em sua crítica e cuidava, ele mesmo, de detalhes quando da impressão de suas publicações.

Sua personalidade poliglota, seu charme, seus excelentes conhecimentos linguísticos e muitas vezes seu comportamento diplomático lhe permitiram acesso em toda a parte. No exterior impressionava, com seu dom da rápida adaptação e sua apresentação despreocupada. Isto foi notado principalmente durante um semestre como professor visitante junto à Universidade de Heidelberg em 1961, acompanhado pela esposa e seus cinco filhos. Ele tinha um jeito brasileiro, descomplicado de lidar com os estudantes alemães, bem antes dos protestos estudantis de 1968.

No decorrer das excursões de trabalho de campo, Hilgard conseguia perfeitamente se comunicar com a população local, provocando seu interesse e obtendo, assim, o máximo em informações. Os colaboradores e os estudantes usufruíam das inúmeras ideias de Hilgard,²⁴ do seu grande espectro de interesses e de sua satisfação nos desafios cotidianos e nas discussões que – no Brasil – também envolviam inevitavelmente o campo da política. Os debates com colaboradores e estudantes foram sempre conduzidos com grande engajamento – embora ele tentasse não misturar temas científicos com discussões políticas.

Apesar de trabalho intenso, Hilgard era uma pessoa sociável, também gostava de festejos. Ele adorava música popular tradicional alemã e por ocasião de uma excursão em Santa Catarina, quando um grupo de músicos se apresentava perto de Ibirama, Hilgard não deixou passar a oportunidade de cantar, emocionado, sua canção predileta “*Sah` ein Knab ein Röslein stehn...*” (“um menino viu uma rosa...”) para grande surpresa de todos.

Seus trabalhos científicos mereceram reconhecimento nacional e internacional. Ele é *doutor honoris causa* da Universidade de Toulouse (1964), membro da American Association of the Advancement of Science (1958), da Deutsche Akademie für Naturforscher

Leopoldina (1961), da California Academy of Sciences (1983), Membro de Honra da Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin (1957), da Société de Géographie de Paris (1958), da Royal Geographical Society – Londres (correspondente 1964) e de outras sociedades geográficas nacionais e internacionais.

No Brasil ele foi membro da Academia Brasileira de Ciências (1953) recebendo a Ordem Nacional de Mérito (1956), a Ordem do Rio Branco (1967) bem como a Grã-Cruz da Ordem Nacional de Mérito Científico (1998), a maior condecoração científica no Brasil.

Devido a sua mudança para Berkeley em 1964 e por não ter sido publicado em português muitos dos seus trabalhos, ele quase não é conhecido pelos jovens geógrafos brasileiros. “Falar da Amazônia é falar de Hilgard O'Reilly Sternberg...”²⁵ – sem dúvida o mais alto elogio que um perito da pesquisa regional sobre a Amazônia pode receber. Depois de se tornar professor emérito²⁶ em Berkeley em 1988 (professor emérito junto à UFRJ em 1973), ele acompanhou a frente de pesquisa na Amazônia até mesmo em idade avançada – área que ele influenciou durante décadas. O autor desta contribuição considera sua ligação amigável com Hilgard, que acompanhou sua carreira com grande interesse, como um privilégio especial.

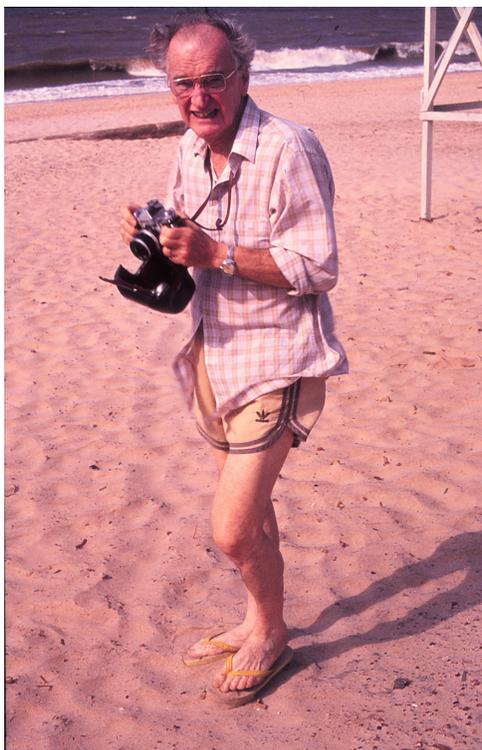
No dia 2 de março de 2011 Hilgard O'Reilly Sternberg faleceu em Fremont, Cal./EUA, com 93 anos de idade.

A biblioteca com o seu nome no Instituto Tecnológico Vale (ITV) em Belém foi criada em 2012 em homenagem ao geógrafo pesquisador que teve seu acervo bibliográfico doado pela família ao Instituto.²⁷

* * *

Hilgard O'Reilly Sternberg escolheu a natureza e o homem da Amazônia como sua área de pesquisa. Ele reconheceu muito cedo que somente um princípio holístico faz jus aos problemas homem-meio ambiente quando unidos aos princípios da geografia física e cultural. Este método de trabalho que nos anos 1970 e 1980 era apontado por alguns geógrafos como “tradicional” está, no entanto, mais próximo da análise atual desses problemas. Medições e observações intensas com inclusão do *know-how* da população local e regional podem contribuir para o desenvolvimento sustentável e assegurar a identidade regional frente às influências da globalização. Somente em trabalhos de campo é possível obter este conhecimento.

Hilgard contribuiu – a partir de 1964 em Berkeley – para o prestígio da pesquisa regional brasileira e para a compreensão dos sistemas ecológicos das florestas tropicais a nível nacional e internacional. Seguiu a ética científica para a análise das diferenças regionais e para a avaliação do desenvolvimento regional. Na aplicação das suas teses e no trabalho científico ele uniu a retórica com a força dos argumentos científicos convincentes e habilidade diplomática. Com grande conhecimento especializado e atitude crítica reconheceu e encaminhou a solução de problemas. Hilgard O'Reilly Sternberg, altamente reconhecido a nível internacional, ao qual a geografia brasileira era associada nos anos de 1950 e de 1960, muito fez pela pesquisa geográfica no Brasil mesmo em idade avançada, mostrando com êxito a necessidade da sustentabilidade em prol das futuras gerações.



Prof. Hilgard O'Reilly Sternberg em Trabalho de Campo na Ilha Mosqueiro (Belém, PA).
Foto: Gerd Kohlhepp (1985).

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M.C. *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.

CARVALHO, C.D. *O Brasil Meridional*. Rio de Janeiro, 1910.

CARVALHO, C.D. *Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Impr. Artísticas, 1913.

EVANGELISTA, H.A. O XVIII Congresso Internacional da União Geográfica Internacional – UGI (Rio de Janeiro 1956). *Revista Geo-paisagem*, 3 (5), 2004. (Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Congresso1956.htm>>.)

HENTSCHKE, J.R. *Estado Novo*. Genesis und Konsolidierung der brasilianischen Diktatur von 1937. *Forschungen zu Lateinamerika*, 34. Saarbrücken: Verlag für Entwicklungspolitik, 1996.

KOHLHEPP, G. A importância de Leo Waibel para a geografia brasileira e o início das relações científicas entre o Brasil e a Alemanha no campo da geografia. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, Blumenau, 1 (2), p. 29-75, 2013.

KOHLHEPP, G. Pioneiros brasileiros nas pesquisas geográficas de desenvolvimento regional: Orlando Valverde e Hilgard O'Reilly Sternberg. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, 3 (1), p. 27-54, 2015.

LACORTE, M. H. et al. Hilgard O'Reilly Sternberg. *Espaço Aberto*, PPGG-UFRJ, 1 (1), p.189-192, Rio de Janeiro, 2011.

MONTEIRO, C.A.F. *A geografia no Brasil (1934-1977)*. Avaliação e tendências. Série Teses e Monografias, 37. São Paulo: IGEO-USP, 1980.

OLIVEIRA, L.L.; VELLOSO, M.P.; GOMES, A.M.C. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.

OLIVEIRA, L.L. A conquista do Oeste. In: *FGV, CPDOC*, 2012.

SAUER, C.O. *Land and life*. A selection from the writings of Carl Ortwin Sauer (ed. LEIGHLY, J.). Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1963.

SAUER, C.O. *The early Spanish main*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1966.

Publicações selecionadas de Hilgard O'Reilly Sternberg

1946 – *Contribuição ao estudo da geografia*. O trabalho de campo e o equipamento didático. (Prefácio de Pierre Deffontaines), Ministério da Educação. Rio de Janeiro, 135 p.

1949 – Enchentes e movimentos coletivos do solo no vale do Paraíba em dezembro de 1948. *Revista Brasileira de Geografia*, 11 (2), p. 223-261.

1950 – Vales tectônicos na Amazônia? *Revista Brasileira de Geografia*, 12 (4), p.511-534.

1951a – Aspectos da seca de 1951 no Ceará. *Revista Brasileira de Geografia*, 13 (3), /p. 327-369.

1951b – The status of geography in Brazil. *The Professional Geographer*, N.S. 3 (3), p. 23-29.

1953 – Sismicidade e morfologia na Amazônia Brasileira. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 25 (4), p.443-453.

1955 – Agriculture and industry in Brazil. *The Geographical Journal*, 121 (4), p. 488-502.

Gerd Kohlhepp

1956a – *Geomorphology of the False River Area*. Ann Arbor: University Microfilms, Publication 17 (Tese de doutoramento, University of Louisiana), 169 p.

1956b – *A água e o homem na Várzea do Careiro*. Rio de Janeiro: Tese de Concurso para Cátedra, Universidade do Brasil, 2 vols., 230 p. (e mapas).

1956c – Geography's contribution to the better use of resources. – In: *The future of arid lands*. American Association for the Advancement of Science. Washington, p. 200-220.

1960 – Radiocarbon dating as applied to a problem of Amazonian geomorphology. *Comptes Rendus du XVIII Congrès International de Géographie*, vol. 2 , p. 399-424.

1964a – Land and man in the tropics. *Proceedings of the Academy of Political Science*, New York, 27 (4), p. 319-329.

1964b – Colaboração de OLTMAN, R.E. et al. *Amazon river investigations*. – Reconnaissance measurements of July 1963. US Department of the Interior, Geological Survey Circular 486, Washington, 15 p.

1965 – Brazil: Complex giant. *Foreign Affairs*, 43 (2), p. 297-311.

1966 – Die Viehzucht im Careiro-Cambixe-Gebiet. Ein Beitrag zur Kulturgeographie der Amazonasniederung. *Heidelberger Studien zur Kulturgeographie*. Heidelberger Geographische Arbeiten, 15. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, p. 171-197.

1968 – Man and environmental change in South America. In: FITTKAU, E. J. et al. (eds.). *Biogeography and Ecology of South America*. Monographiae Biologicae, 17. The Hague: Dr. Junk Publishers, p. 413-445.

1970 – A geographer's view of race and class in Latin America. In: MÖRNER, M. (ed.). *Race and class in Latin America*. New York: Columbia University Press, p. 279-293.

1975 – *The Amazon river of Brazil*. Geographische Zeitschrift Beihefte (= Erdkundliches Wissen, 40). Wiesbaden: Franz Steiner Verlag.

1977 – Development and conservation. In: DEUTSCH, K.W. (ed.). *Eco-social systems and eco-politics*. Paris: UNESCO, p. 337-358.

1980 – Amazonien: Integration und Integrität. In: BENECKE, D. et al. (eds.). *Integration in Lateinamerika*. München: W. Fink Verlag, p. 293-322.

1981a – Frontières contemporaines en Amazonie brésilienne: quelques consequences sur l'environnement. In: Centre de recherche et de documentation sur l'Amérique Latine: *Les phénomènes de "frontière" dans les pays tropicaux*. Paris: IHEAL, p. 177-200.

1981b – *Refugial theory and Amazonian environment*. Abstracts of the communications. Prag: Czechoslovak Academy of Sciences.

1983 – Tentativas expansionistas belgas no Brasil: o caso “Descalvados”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, 55 (119-120), p. 45-56.

1985 – (ed.) *Environment and human societies in the Amazon Basin*. University of California, Berkeley, Department of Geography (Reader).

1986 – Transformações ambientais e culturais na Amazônia. Algumas repercussões sobre os recursos alimentares da região. In: EMBRAPA-CPATU. *1º Simpósio do Trópico Úmido*. Brasília, p. 43-61.

1987a – Reflexões sobre desenvolvimento e o futuro da Amazônia. In: KOHLHEPP, G.; SCHRADER, A. (eds.). *Homem e natureza na Amazônia/ Hombre y naturaleza en la Amazonía*. Tübinger Beiträge zur Geographischen Lateinamerika-Forschung, 3. Tübingen: Instituto de Geografia, p. 463-477.

1987b – Aggravation of floods in the Amazon river as a consequence of deforestation? *Geografiska Annaler* (Sweden) Ser. A, 69 (1), p. 201-219.

1987c – “Manifest destiny” and the Brazilian Amazon: a backdrop to contemporary security and development issues. *Proceedings of the Conference of Latin Americanist Geographers*, Yearbook 1987, vol.13, p. 25-35.

1987d – Life sciences and economic development in the tropics. A holistic perspective. – In: HALL, D.O.; LAMOTTE, M. e MAROIS, M. (eds.): *The open research problems in the life sciences under tropical conditions*. Rotterdam: A.A.Balkema Publ., p.133-147.

1991 – Paleoclimatic significance of charcoal in Amazon forests? *AAG Annual Meeting* April 1991. Miami.

1995a – Proposals for a South American waterway. In: *Threatened people and environments in the Americas*. Institute of Latin American Studies, University of Stockholm, vol. 1, Stockholm, p. 99-126.

1995b – Waters and wetlands of Brazilian Amazonia: an uncertain future. In: NISHIZAWA, T.; UTTO, J.I. (eds.). *The fragile tropics of Latin America. Sustainable management of changing environments*. Tokyo: United Nations University Press, p. 113-179.

1998 – *A água e o homem na Várzea do Careiro*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2ª. edição (330 p., 2 vol.; vol.2: 17 mapas) (= Coleção Friedrich Katzer).

Recebido em: 27/1/2017 Aceito em: 10/2/2017

¹ De significância duradoura foram os geógrafos franceses Pierre Deffontaines, fundador da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) em 1934; Pierre Monbeig e Francis Ruellan, que trabalharam ativamente nas universidades de São Paulo e Rio de Janeiro; e também Leo Waibel, geógrafo alemão de renome internacional, exilado nos Estados Unidos, que assumiu a função central de consultor científico e de pesquisador no Conselho Nacional de Geografia (CNG), de 1946 a 1950 (Kohlhepp, 2013).

² Oliveira et al. (1982); Oliveira (2012).

³ Cf. Hentschke (1996, p. 406).

⁴ Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980), geógrafo nascido em Paris e filho de brasileiro, estudou direito e ciências políticas em Lausanne e Paris, passando a residir no Brasil desde o início do século XX.

⁵ Vide Monteiro (1980); Andrade (1995).

⁶ Sauer (1963, 1966, entre outros). Carl Ortwin Sauer (*1889), nascido em Missouri/EUA, foi professor em Berkeley de 1923 até 1957. Sua família provinha do Sudoeste da Alemanha, onde ele passou parte do seu tempo escolar. Ele fez com que a literatura sobre a geografia alemã se tornasse conhecida nos EUA (vide: nota de rodapé 17).

⁷ Vide Kohlhepp (2013, p.53).

⁸ *Revista Brasileira de Geografia e Boletim Geográfico*.

⁹ Cf. Evangelista 2004.

¹⁰ Comunicações orais dos colegas alemães Gottfried Pfeifer (Heidelberg) e Herbert Wilhelmy (anos mais tarde em Tübingen), que participaram da excursão para a Amazônia do Congresso da UGI no Rio em 1956.

¹¹ Em seu enfático discurso no final do Congresso (vide: Comptes Rendus du XVIIIe Congr. International de Géographie, tome premier, Actes du Congrès, Rio 1959, p.167-177) Hilgard não esqueceu de elogiar especialmente sua assistente, Maria do Carmo Corrêa Galvão e a sua “*unselfish efficiency*” na preparação do Congresso e no secretariado. Seu elogio também foi dirigido ao casal de colegas Lysia Maria Cavalcanti Bernardes e Nilo Bernardes, que haviam assumido funções centrais na organização e elaboração do Programa.

¹² É seu mérito tornar conhecida no Brasil a nova revista geográfica alemã “*Erdkunde*”, iniciada em 1948, que depois da guerra reassumiu o contato internacional dos geógrafos alemães com os colegas de outros países. Ele publicou uma revisão do volume póstumo de Leo Waibel sobre a colonização europeia no Sul do Brasil (editado na Alemanha em 1955) no *Boletim Carioca de Geografia*, 9 (1-2), 1956, p.73-78, ou sobre publicações alemãs interessantes para o Brasil (por ex. H. Wilhelmy, Colonização em terras de mata da América do Sul, 1949) na *Revista Brasileira de Geografia*, 11 (4), p. 591-612.

¹³ Igualmente em uma palestra na Câmara dos Deputados em 19.09.1951 a convite da Comissão do Polígono das Secas.

¹⁴ Em 1958 ele recebeu o título de doutor pela Universidade do Brasil no Rio de Janeiro.

¹⁵ H. Sioli. Apresentação. Em: Sternberg (1998, p.XII): “Uma obra pioneira”. Harald Sioli viveu e pesquisou na Amazônia de 1939 até 1956.

¹⁶ Vide também: Sternberg (1966) numa publicação em língua alemã que chamou atenção do meio científico na Alemanha.

¹⁷ Muitos geógrafos estrangeiros trabalharam durante décadas em Berkeley. Geógrafos alemães lá lecionaram como professores visitantes antes da guerra (Albrecht Penck, Oskar Schmieder, Gottfried Pfeifer, Wolfgang Panzer, Karl J. Pelzer) e depois da guerra (Fritz Bartz, Herbert Wilhelmy, Gottfried Pfeifer e o autor).

¹⁸ Paralelamente às professoras Maria do Carmo Corrêa Galvão e Bertha Koifman Becker que trabalhavam no CPGB e tinham assumido a direção do Departamento, foram integrados novos docentes, entre outros Maria Helena Lacorte, Mariana Miranda, Maristela Brito e Lia Osorio Machado (vide Lacorte et al. 2011), todas alunas de Hilgard. Maria do Carmo Corrêa Galvão obteve o título de doutora em 1961 na Alemanha com Carl Troll (Presidente da UGI 1960-64) na Universidade de Bonn, onde Leo Waibel havia lecionado até 1937. Maria Regina Mousinho de Meis, que desde 1968 era professora no Departamento de Geografia da UFRJ, foi pesquisadora visitante na

Universidade de Heidelberg em 1969/1970. Com base em contatos pessoais de muitos anos do autor com o corpo docente no Rio, foi criado a partir de 1987 um programa de intercâmbio para estudantes de geografia entre o Departamento de Geografia da UFRJ e o Instituto de Geografia da Universidade de Tübingen/Alemanha, programa não mais existente desde que o autor se tornou professor emérito em 2005.

¹⁹ Entre outros Gary Lobb, Nigel J. Smith, Susan B. Hecht, Brian J. Godfrey, que trabalharam com temas brasileiros, a maioria sobre problemas da Amazônia.

²⁰ Em um *Reader* (Sternberg 1985) estão contidas palestras e publicações de visitantes sobre a Amazônia.

²¹ *Luso-Brazilian Review, Latin American Research Review, Geoforum, Acta Amazonica*, entre outros.

²² No Annual Newsletter "The Itinerant Geographer" do Departamento de Geografia em Berkeley todas essas atividades estão detalhadamente registradas como realizações adicionais.

²³ O autor dessa contribuição como estudante em 1961 pôde constatar o relatado durante o tempo em que Hilgard, convidado pelo professor Pfeifer, foi professor visitante na Universidade de Heidelberg no semestre de verão de 1961 e durante uma excursão para a França com estudantes de Heidelberg. Impressionante a diferença entre Hilgard e os professores alemães que eram mais formais nesta época. Como ele insistia em lecionar em Heidelberg em idioma alemão, idioma que aprendeu na escola no Rio de Janeiro, ele pediu ao autor, seu estudante-assistente nesse semestre, para traduzir seu manuscrito da aula, do inglês para o alemão para assim lecionar no idioma do país.

²⁴ Com base na sua iniciativa, mas também por sua força de persuasão e apoio, o autor decidiu interromper sua dissertação sobre geografia industrial de uma região alemã e aceitar o convite de Hilgard em 1962 para realizar trabalho de campo da tese de doutoramento sobre a mesma temática no Sul do Brasil. O Ministério da Cultura do Brasil, por requerimento de Hilgard, financiou a viagem aérea internacional. Realmente um caso raro de concessão de bolsa-viagem para um doutorando estrangeiro. Da excursão introdutória de três semanas para Santa Catarina em outubro / novembro de 1962 juntamente com Gottfried Pfeifer (Heidelberg) e com o autor, participaram além de Hilgard, as geógrafas Lia Osorio Machado, Maristela Brito, mais tarde professora da UFRJ e geógrafa do IBGE, além de Maria do Carmo Menezes. O primeiro volume da série "Contribuições de Tübingen para a Pesquisa Geográfica sobre a América Latina" (1986-2007, 31 vols) do autor como professor da Universidade de Tübingen foi dedicado a Hilgard pela passagem do seu 70^o aniversário como gratidão pela "introdução" do autor no mundo geográfico brasileiro, seu apoio e sugestões valiosas.

²⁵ Evaldo G. Martins César, Diretor Geral do Departamento de Recursos Naturais da SUDAM, 1998.

²⁶ Infelizmente não houve sucessão na cátedra de pesquisas sobre a América Latina, embora a pesquisa tenha sido determinante durante décadas naquela Universidade.

²⁷ Vide: www.itv.org/pt/ensino/biblioteca/ Desde 2015 a unidade II desta biblioteca (parceria entre o ITV e a UFPA) encontra-se no Centro de Excelência em Eficiência de Energia da Amazônia (Ceamazon) em Belém.